



Fala Egbé

Informativo das Comunidades de Terreiros de Candomblé • nº33 • ano XIII • outubro de 2015

“Iniciativas de valorização cultural devem se somar aos anseios dos povos e comunidades negras por uma vida com trabalho, riqueza e paz”



Foto: Fatá Araujo

Editorial

Povos e Comunidades Negras não querem só comida

A cultura africana revivida no Brasil pode não representar nem maioria religiosa, nem nas áreas rurais, mas com certeza faz parte da maioria cultural desse país.

Trabalhar todos os aspectos das desigualdades que se instalaram historicamente entre a população afro-brasileira significa também buscar alternativas de inclusão econômica e oportunidades iguais. Entretanto, não é o suficiente para quem convive com mecanismos cotidianos violentos de segregação, negação da dignidade e de seu modo de viver. Com base na cor da pele, tipo de cabelo, origem de moradia, religião e outras expressões culturais estes mecanismos seguem contribuindo para a reprodução das injustiças.

Por isso continua sendo necessário afirmar direitos, cultura e dignidade dessas populações, bem como dos adeptos de suas expressões de fé.

Iniciativas de valorização cultural devem se somar aos anseios dos povos e comunidades negras por uma vida com

trabalho, riqueza e paz. Para tanto algumas lutas assumem importância destacada. Sobre elas não se pode esquecer que:

❶ Ação cultural não é folclorizar a cultura, mas compreendê-la no contexto de um modo de expressão, de vida e até de fé - ainda que traços da cultura dos povos de terreiro, por exemplo, tenham presença no cotidiano de toda a população, como acontece nas comidas e ritmos musicais;

❷ As condições de vida e a violência que se abatem em localidades de maioria negra, especialmente contra jovens, têm seu caminho para a superação: uma agenda de direitos. Porque o racismo, inclusive aquele dos órgãos públicos de repressão, não escolhe a fé dos que vai vitimar. Mas a cor da pele, essa sim;

❸ A vida das mulheres está constantemente em jogo numa sociedade machista e patriarcal. Portanto, mesmo valorizando a cultura, afirmando direitos

e criando oportunidades econômicas, não se pode tapar o sol com a peneira: persiste o drama da violência contra as mulheres, particularmente na família. E são as mulheres negras as principais atingidas.

Todos esses temas constituem tarefas de solidariedade da sociedade civil e responsabilidade do Estado, que deve encarar a fragilidade da execução ou inexistência de suas políticas públicas.

Ações como as de KOINONIA que você vai ver neste *Fala Egbé* - iniciativas diretas de valorização da cultura, das juventudes e das mulheres - são em si promotoras de mudança. Ou melhor, são aperitivos de um futuro desejado de comida, diversão, arte e dignidade para todas e todos.

Essas são experiências refletidas pela fé dos terreiros? Sim, como a justiça de Xangô e Iansã, a juventude de Logun Edé, a fartura e abundância de vida de Oxóssi, como a ternura e virulência da Iyabás e a coragem acima do medo de Nanã. E todos os nomes nas outras nações em que esses princípios encantados da vida se apresentam sob os movimentos sagrados de Exu, Inzila e Legbá.



Fundada em 1994, KOINONIA é uma organização sediada no Rio de Janeiro (RJ), com atuação nacional e internacional. Somos uma entidade ecumênica de serviço composta por pessoas de diferentes tradições religiosas, reunidas em associação civil sem fins lu-

crativos. Integramos o movimento ecumênico e prestamos serviços ao movimento social.

A missão de KOINONIA é mobilizar a solidariedade ecumênica e prestar serviços a grupos histórica e culturalmente vulneráveis e em

processo de emancipação social e política; além de promover o movimento ecumênico e seus valores libertários.

A palavra *koinonia* vem do grego e significa comunidade e comunhão.

Programa Egbé Territórios Negros

Egbé vem do Ioruba e significa “sociedade e o lugar onde ela se reproduz”. O Programa trabalha com comunidades afrodescendentes tradicionalmente estabelecidas no que convencionamos chamar de Territórios Negros. Seu foco

são os terreiros de candomblé e as comunidades remanescentes de quilombos.

O Programa - cujos objetivos principais são superar as desigualdades raciais e a intolerância religiosa - presta assessoria jurídica

educativa às comunidades participantes e articula ações de promoção e defesa de direitos culturais e territoriais. Dentre suas atividades destacam-se as capacitações técnicas em diálogo com os conhecimentos tradicionais.

Ações:

Formação e empoderamento

Formação em direitos civis e políticos, econômicos, sociais, culturais, ambientais e territoriais para as comunidades, em especial jovens e mulheres

Seminários

Intercâmbios

Projetos socioculturais para ações locais

Assessoria jurídica para causas coletivas

Formação e legalização de associações

Produção de Informação/ Documentação

Fala Egbé

Cartilhas “Direitos”, “Violações” e “Elaboração de Projetos” para Comunidades Negras Tradicionais (CNT)

Dossiê Intolerância Religiosa

Site Observatório Quilombola

Produção audiovisual sobre direitos das CNT

Incidência Pública

Monitoramentos de processos jurídicos e administrativos envolvendo CNT

Monitoramento das políticas públicas específicas

Diálogo nas esferas governamentais, visando a garantia de direitos das CNT

Produção de artigos, campanhas e ações de solidariedade em prol das CNT



Notícias

Axé com Arte no último ciclo de oficinas

Formação sobre estratégias de comercialização, encontro de terreiros e avaliação do projeto ainda estão previstos

O Projeto Axé com Arte, realizado por KOINONIA - em parceria, atualmente, com 11 terreiros da Grande Salvador - com o patrocínio da Petrobras, entrou em seu último ciclo de atividades. Casas novas na iniciativa, o Ilê Axé Alafunbi e o Unzó Sasaganzuá Kanjoânlojolo Kiasapalakanuá foram as mais recentes a oferecer formações sobre geração de renda e garantia de direitos em suas comunidades. Templos como o da Casa Branca, Opô Afonjá e Torrun Gunan, que já participavam, vão dar continuidade aos trabalhos iniciados em 2014.

O começo de 2015 foi marcado pela diversificação das atividades produtivas. Jurema Aparecida da Silva, Iyá Kererê (ou mãe pequena) do Alafunbi conta um pouco do que o terreiro preparou. “A nova oficina é de confecção de bijuterias e é voltada basicamente para mulheres

que vivem na comunidade em que o terreiro está. Mal abrimos as inscrições, já contávamos com umas 20 inscritas. Elas são de várias religiões, inclusive evangélicas”, lembra. Jurema destaca ainda a importância de um processo de formação que junta pessoas de diferentes tradições para quebrar o clima de intolerância. “Vai acabando com a visão preconceituosa que algumas pessoas têm de nossa religião”, diz. A segunda oficina da casa, iniciada em setembro, é de customização de roupas.

Na Casa Branca nova formação. Substituindo “Berimbau um instrumento ancestral” - que envolvia construção e contação da história do instrumento -, passa a ser oferecida a oficina chamada de “Ohum Onán” de produção de ferramentas e adereços usados pelos Orixás em rituais.

A articuladora da formação local, Paula Castro contou que muito da mobilização da comunidade para participar do curso se deu por meio das redes sociais.

“O resultado do trabalho com certeza valoriza ainda mais a estética negra. Vamos fabricar instrumentos identificados com 16 Orixás, além de outras entidades que fazem parte de nossa tradição. Isso quer dizer que podemos explorar não só várias formas, mas também aprender várias técnicas para trabalhar com uma série de materiais”, ressalta.

As outras oficinas em curso são de “Estética Afro”, no Unzó Mayala; “Ferramentas de orixás”, no Sasaganzuá; “Bordado bainha aberta”, no Kalé Bokun; e “Artesanato com conchas”, no Oyá Bagan. Todas as formações do projeto além das ações de inclusão produtiva e geração de renda promovem debates e atividades que visam a ampliação do repertório das/os frequentadoras/es das oficinas ligados aos seus direitos (conhecer leis, mecanismos de defesa e proteção etc.). Cada casa escolhe as temáticas em que quer se aprofundar.



Foto: Acervo KOINONIA

Encontro da juventude de terreiro debate mercado de trabalho

Jovens e representantes do poder público discutem caminhos para uma experiência de juventude plena de direitos

Racismo e intolerância religiosa na entrada do mercado de trabalho. Esse foi o tema do seminário “Juventude Negra de Terreiros e os Desafios do Mundo do Trabalho”, realizado por KOINONIA em Salvador, reunindo a juventude de terreiro no Centro Cultural da Câmara Municipal de Salvador, em 25 de setembro. Representantes do poder público responderam às principais questões dos participantes - que vivem na metrópole com 237 mil desempregados, 90 mil deles jovens.

A primeira mesa foi dedicada ao tema “Comunidades Negras Tradi-

cionais e Intolerância Religiosa no Mundo do Trabalho”. Participaram Valter Júnior, articulador do Axé com Arte, Tatiana Anjos, do Conselho Nacional de Juventude (Conjuve), Rosana Fernandes, da Coordenadoria Ecumênica de Serviço, Stael Machado, educadora e Ana Gualberto, assessora de KOINONIA.

Segundo Ana Gualberto, o debate é fundamental na busca por melhorias e oportunidades para os jovens. “Temos que discutir como as políticas públicas podem auxiliar no combate à intolerância, criando mecanismos de inclusão, pois mesmo

os jovens que conseguem ingressar no mercado de trabalho, por conta do preconceito, não permanecem”, pontuou Gualberto.

Representando os terreiros do interior da Bahia, Cleuza Juriti falou das especificidades das áreas mais distantes da capital: “Quanto menores

e mais distantes os municípios, mais duro o enfrentamento às intolerâncias”, destacou.

A segunda etapa do seminário abordou o tema “E o que o poder público tem a ver com isso?”, com mesa formada por Elisia Santos, da Secretaria de Promoção da Igualdade (Sepromi) do Estado da Bahia, Elder Mahin, representante do Conselho Estadual de Juventude (Cejuve), Juci Santana, coordenadora do Empreendedorismo Negro da Secretaria do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte (Setre) do Estado da Bahia, Vilma Reis, ouvidora-geral da Defensoria Pública do Estado da Bahia, e Naiara Soares, facilitadora de juventude de KOINONIA.

Naiara abriu a mesa com questões sobre os assuntos tratados no primeiro debate. Em resposta, os palestrantes falaram de ações do poder público.

O encontro faz parte de um conjunto de ações de KOINONIA com a juventude de terreiro baiana visando fortalecer e expandir seus direitos. Além da intolerância no mercado de trabalho, os jovens têm se preocupado com temas como a igualdade de gênero e a injustiça climática (que ameaça inclusive a permanência dos terreiros nos locais onde estão estabelecidos). O próximo encontro de juventude acontece de 6 a 8 de novembro e vai debater a violência contra a juventude negra e de terreiro.



Jovens falam de seus anseios e representantes do poder público respondem sobre o que têm feito para criar oportunidades iguais no mundo do trabalho

Foto: Acervo KOINONIA

Axé com Arte na Feira Cultural e de Saúde do Terreiro da Casa Branca

Membros de terreiros parceiros de KOINONIA na Bahia participaram da Feira Cultural e de Saúde, na Casa Branca, em Salvador. O evento é fruto da parceria entre KOINONIA e o Espaço Cultural Vovó Conceição e proporcionou uma oportunidade a mais de comercialização do que é produzido nas oficinas do projeto Axé com Arte.

Simultaneamente, mesas de debate discutiam o acesso à saúde



No evento, os terreiros parceiros do Axé com Arte puderam expor e comercializar o que é produzido nas oficinas

Notícias

pela população de terreiro. Atividades culturais também fizeram parte da programação: samba de roda, capoeira, desfile de ferramentas dos orixás e danças.

A próxima exposição dos produtos acontece no dia 21 de novembro, durante o evento “Reforçando Laços”, no Grande Hotel da Barra.

Sobre as ações de Juventude com KOINONIA... E de KOINONIA com a Juventude



Naiara Soares*

Após cinco anos, o projeto “Juventude na promoção de direitos e justiça climática” chega ao fim. Para avaliar o processo e encerrá-lo com chave de ouro, a iniciativa vem contando, desde novembro de 2014, com atividades que envolvem as seis instituições participantes.

Tudo começou com o encontro de parceiros do programa norueguês “Dia de Trabalho”, que aconteceu em Salvador (BA), entre os dias 24 e 26 de novembro de 2014. Participaram 60 jovens e representantes das instituições. Nossa contribuição foi discutir o racismo ambiental e o crescente preconceito contra as religiões de matriz africana.

Depois disso debatemos como seria o ano de 2015 para todas

as iniciativas, a partir do processo de avaliação do projeto. O encontro seguinte aconteceu em Belém (PA), entre os dias 20 e 23 de março de 2015. Dessa vez estiveram 40 pessoas das seis instituições que definiram que os produtos da avaliação seriam um vídeo e uma revista. Ambos têm o objetivo de mostrar todo o processo dos cinco anos de projeto, com diferentes metodologias, atividades e perspectivas.

Em julho desse ano foram gravados depoimentos de jovens das três cidades em que KOINONIA atua com o projeto: Salvador, Paulo Afonso e Delmiro Gouveia. Houve também uma oficina de produção de vídeo para jovens no Terreiro da Casa Branca.

O encontro que marca o fim das atividades vai acontecer entre

28 e 30 de outubro, no Rio de Janeiro. Já sabemos, entretanto, que um dos objetivos do projeto foi alcançado na Bahia: a conquista de autonomia para que os jovens pudessem construir sua agenda política e definir atividades.



Em Salvador, a articulação de jovens de terreiro agora se mobiliza para a realização do Encontro Inter-Religioso de Juventude



Em Salvador, a articulação de jovens de terreiro agora se mobiliza para a realização do Encontro Inter-Religioso de Juventude, fruto de encontros anteriores. O melhor é que esse evento vai ser realizado com recurso captado pelos próprios jovens, que desde agosto tem se reunido para dar cara e forma ao encontro - o que confirma a importância de um trabalho contínuo com a juventude.

**Naiara Soares, 18, é facilitadora de juventude de KOINONIA*



Alternativa: quilombos do Recôncavo se organizam e promovem turismo étnico na região

Notícias

Histórias cruzadas: jovens de terreiro da Grande Salvador vão à comunidades quilombolas do Recôncavo Baiano

Intercâmbio reforça o valor da ancestralidade nas lutas atuais

“Pedagogia do encontro” resumiria a experiência dos intercâmbios entre comunidades negras tradicionais. Neles povos de terreiro e quilombolas têm a oportunidade de, a partir da troca vivencial e do reconhecimento de diferenças e semelhanças, fortalecer consensos sobre o que têm ou necessitam em comum e com isso seu poder de reivindicação.

No dia 23 de agosto, 46 jovens de terreiros da Região Metropolitana de Salvador que participam do projeto Axé com Arte estiveram em comunidades remanescentes de quilombos do Recôncavo Baiano, local que já chegou a ser um dos principais destinos de escravizados na diáspora africana.

Em meio aos canaviais que são ainda uma marca da memória colonial, os visitantes foram recebidos por quilombolas das comunidades Kaonge e Dendê, localizadas no município de Cacheira (BA) e formadas por aproximadamente 35 famílias. Kaonge fica num complexo de comunidades às margens do Rio Paraguaçu.

Marta Alencar, coordenadora pedagógica do Axé com Arte destacou a

força desse encontro, que mais pareceu reencontro, remetendo a outro tempo histórico. “Fomos recebidos pelo grupo, que, com os pés descalços no solo massapé, demonstravam o seu sentimento de pertencimento a terra que um dia foi palco da monocultura da cana-de-açúcar e do processo escravista”, conta.

A moderna tradição...

Os jovens de terreiro conheceram os núcleos de produção socioeconômico e cultural dos quilombos, que baseiam suas atividades, como a agrícola e a pesqueira, na solidariedade e sustentabilidade valorizando a memória de seus antepassados. A experiência ajudou Mônica Santos, filha de santo do Unzó Mayala, a também reconhecer ali práticas ancestrais com as quais sempre conviveu em sua casa. “Os quilombos, assim como os terreiros, são espaços de resistência negra. Essa vivência me motiva a continuar com nossa luta”.



Como velhos conhecidos: quilombolas mostram ao povo de terreiro detalhes de seu cotidiano

O ponto alto do intercâmbio foi a “Rota da Liberdade”, roteiro de turismo étnico organizado pelo Núcleo de Turismo Rota da Liberdade (NuTER-Li), que surge do Conselho Quilombola da Bacia e Vale do Iguape, com membros das comunidades Kaonge, Dendê, Kalembá, Engenho da Ponte e Santiago do Iguape. Na atividade, quilombolas e visitantes compartilharam suas percepções sobre o que vivenciaram no encontro, desde o conhecimento sobre a produção e comercialização locais de mariscos, farinha, dendê (alguns deles, alimentos sagrados para a culinária votiva das casas de santo); até o tema da identidade e resistência das comunidades negras tradicionais.



Notícias

KOINONIA na roda de conversa com quilombolas do Baixo Sul da Bahia

Bate-papo sobre direitos dos remanescentes de quilombo tem temas como identidade, políticas e legislação

Lideranças do quilombo Jatimane, no município de Nilo Peçanha (BA), participaram, no fim de agosto, de uma roda de diálogo com a equipe de KOINONIA, sobre os direitos das populações tradicionais e as políticas nacionais e estadual, voltadas para os remanescentes de quilombo.

Foi um dia de trocas intensas, no qual a equipe pode conhecer as especificidades das lutas locais, tendo a oportunidade de ajudar a construir ações em diálogo direto com desafios concretos do dia a dia da comunidade.

Entre a existência e aplicação das leis e políticas quase sempre há uma boa distância - principalmente em se tratando da realidade quilombola rural -, o que se aplica a comunidade de Jatimane.

Temas como regularização fundiária, autodeclaração e reconhecimento da identidade quilombola, além das legislações vigentes foram debatidos. Além disso, a equipe tirou dúvidas,

sobretudo, em relação à questão da atribuição de propriedade coletiva das terras. Um dos destaques foi a discussão do decreto Nº 11.850/09, que institui a Política Estadual para Comunidades Remanescentes de Quilombos, dispondo sobre os trâmites oficiais de identificação, delimitação e titulação das terras devolutas da Bahia (terrenos públicos que nunca pertenceram

a um particular, mesmo estando ocupadas).

A partir do conhecimento sobre leis, políticas e da análise participativa sobre a conjuntura atual, estratégias para assegurar os direitos da comunidade foram traçadas, visando também o reforço do protagonismo de lideranças locais.





Notícias

Feira agroecológica: cultura, inclusão produtiva feminina e debate sobre enfrentamento da violência contra a mulher negra rural

IV Feira Agroecológica das Mulheres Contra a Violência em Camamu (BA)

Em setembro, aconteceu mais uma edição da já tradicional feira das mulheres, na Praça São Benedito, em Camamu (BA). O evento é promovido pela Articulação de Mulheres do Baixo Sul, formada por representantes de diversos movimentos sociais,

organizações e sindicatos, que vêm lutando por melhores condições de vida para a população feminina do Baixo Sul. Passaram por ali mais de 250 mulheres de comunidades tradicionais e quilombolas da região.

As participantes comercializaram frutas, pequenos animais, verduras, hortaliças, além de plantas medicinais, doces, guloseimas e artesanato, mostrando o leque de talentos locais. Talentos que se multiplicam e também são usados para criar estratégias quando o assunto é a luta pelos direitos das mulheres e igualdade de gênero: nesse sentido, a própria autonomia financeira que a feira busca fortalecer, tem sido fundamental na superação das desigualdades entre mulheres e homens.

O espaço ainda foi palco para diversas atividades culturais, como o lançamento do vídeo *As Sementes*, dos diretores Beto Novais e Cleisson Vidal, no qual participaram quatro representantes brasileiras da agroecologia, entre elas a agricultora local Maria Andrelice dos Santos, a “Del” da comunidade de Dandara dos Palmares. Além do vídeo teve também música, dança e uma encenação sobre os direitos das mulheres.



Novo projeto de KOINONIA incentiva a autonomia financeira de mulheres quilombolas

Iniciativa contemplada por edital público da Setre deve ter suas primeiras atividades no início de 2016

O projeto Comércio quilombola – Apoio a grupos de mulheres quilombolas no Baixo Sul da Bahia, apoiado pela Secretaria do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte do Governo da Bahia (Setre), visa ampliar a participação econômica e política das mulheres quilombolas de três comunidades na comercialização de seus produtos e nos espaços de tomada de decisão e controle social de políticas públicas. As comunidades diretamente envolvidas no projeto são Barroso, Jatimana e Dandara dos Palmares.

A iniciativa pretende criar condições para a ampliação da produção de



Intercâmbio entre povos de terreiro e quilombolas, na comunidade do Barroso, Baixo Sul da Bahia

Notícias

seus doces, geleias, poupas de frutas, diferentes trabalhos artesanais e hortas coletivas de mulheres quilombolas. Dentre os objetivos estão o fortalecimento da identidade feminina quilombola; fomento com doação de equipamentos; e apoio à participação em eventos que estimulem a comercialização.

Neste novo projeto, KOINONIA contará com a parceria do Serviço de Assessoria à Organizações Populares Rurais (SASOP) e Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Camamu (STTR Camamu). Em algumas das atividades, outra entidade que contribuirá é o Centro Público de Economia Solidária (Cesol) Guandú.

Comunicado da assessoria jurídica de KOINONIA



Foto: Shai Andrade

Entre nossas atividades de enfrentamento à intolerância religiosa e fortalecimento de comunidades negras tradicionais, temos contribuído com terreiros de candomblé na elaboração de Estatutos, declarações de imposto de renda, documentação para a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) e demais burocracias dos tramites governamentais.

am com advocacia e, posteriormente, com assessoria jurídica própria, KOINONIA atendeu e encaminhou casos de intolerância, principalmente em Salvador.

Esse serviço já foi prestado a religiosos em casos emblemáticos como o de Mãe Gilda contra a Igreja Universal do Reino de Deus. A líder religiosa do Terreiro Abassá de Ogum, em Salvador, teve sua foto na pri-

meira página do jornal *Folha Universal*, estampando uma manchete difamatória. A reportagem desencadearia um ciclo de violência contra Mãe Gilda, que veio a falecer meses depois. A vitória na justiça deu origem ao Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa, 21 de janeiro (dia da morte da lalorixá).

Entretanto, KOINONIA informa que seu serviço de assessoria jurídica temporariamente apenas realizará atendimentos para tirar dúvidas jurídicas e encaminhar casos aos órgãos competentes. Por ora, os acompanhamentos processuais serão interrompidos. A instituição continua a desenvolver suas atividades, que de diversas outras formas visam contribuir para a liberdade religiosa, garantindo o acesso aos Direitos Cívicos, Políticos, Culturais e Territoriais dos povos e comunidades tradicionais. Mas nos parece o momento de estimular as instituições públicas a se responsabilizarem, cumprindo seus respectivos papéis de promotoras e garantidoras de direitos.

Representantes de 60 terreiros deram continuidade à discussão sobre caminhos para superar a violência contra a mulher



Foto: Acervo KOINONIA

Na última Reunião de Terreiros

Diferentes tradições de matriz africana se unem para enfrentar a violência contra a mulher

Há algum tipo de fundamento nas religiões de matriz africana para a violência contra as mulheres? Não. Essa foi a resposta de filhos de santo e lideranças de cerca de 60 casas de diferentes tradições de matriz africana, reunidas em Salvador (BA), no dia 9 de maio, no Encontro de Terreiros.

Promovido por KOINONIA o evento teve como objetivo construir consensos sobre como os povos de terreiro se posicionam, principalmente, em relação à violência contra a mulher. Após debates sobre as possíveis leituras da desigualdade de gênero da perspectiva dos religiosos, seus representantes confirmaram que não há nada nas tradições de matriz africana que possa justificar a violência.

Mesmo com a chuva que castigava a capital baiana, quase 80 pessoas compareceram para deixar o recado dos terreiros que dizem não à desigualdade e à violência contra a mulher. O encontro proporcionou ainda momentos de reflexão sobre

como esse fenômeno da sociedade brasileira tem se refletido nos terreiros e como estes têm respondido. É também o que destacou Iraíldes do Nascimento, do Ilê Axé Opô Afonjá. “Acho que essa foi uma oportunidade de aprofundar a discussão, para falar dos diferentes aspectos da violência contra a mulher, não só a agressão física. Isso é importante para que as pessoas ampliem a percepção do que consideram violência”, destacou.

O encontro é parte de um processo que deve culminar com a produção de um posicionamento público dos terreiros sobre o tema. Para isso, recuperou-se a memória da reunião anterior que também tratou, com homens e mulheres de diferentes nações do Candomblé, da questão da desigualdade de gênero.

Para o diretor executivo de KOINONIA, Rafael Soares de Oliveira, a violência contra a mulher tem se articulado com a intolerância religiosa, agravando uma situação que já merece atenção.

“KOINONIA tem como tradição criar espaços de diálogo entre as diferentes nações do Candomblé. Já produzimos dois livros que registram esse tipo de dinâmica e de posicionamento que vêm dos consensos estabelecidos nesses momentos. Antes a ênfase era enfrentar a intolerância, agora passamos a tratar da presença do povo de terreiro frente a outras questões importantes. Há casos recentes em que, por exemplo, a bíblia é usada para justificar a violência. Sobre a violência contra a mulher, cabe destacar o não peremptório a qualquer justificativa religiosa ou teológica para a violência contra a mulher”, ressalta.

No Brasil, a Bahia é o sexto estado em mortes de mulheres, de acordo com o Mapa da Violência 2015. No estado, a cada 100 mil mulheres, mais de seis são assassinadas em um ano. O dado mostra a necessidade de os diferentes setores da sociedade - inclusive religiosos - se mobilizarem politicamente para enfrentar o problema.



Foto: Acervo Alafunbi

Meu EGBÉ

Ilê Axé Opo Alafunbi

Força e sustentação pelo ativismo de base comunitária

O Terreiro de candomblé Ile Ase Opo Alafunbi (Casa de Força e Sustentação por Alafunbi) foi fundado em 1980 por Sandoval da Conceição, o Baba Doofun, que também inaugura a associação Alafunbi. Esta existe desde 2007, como organização não governamental, sem fins lucrativos, atuando no Município de Lauro de Freitas, Itinga, no Parque São Paulo, desde então.

A associação tem como missão prestar um serviço de excelência à comunidade em áreas como educação, cultura, esporte, lazer e saúde, buscando consolidar-se como referência num trabalho social que tem como eixo principal o fortalecimento da identidade e cultura afrodescendente.

Em 2008, organizou a I Feira de Saúde do Parque São Paulo, aberta à comunidade, oferecendo atendimento médico e odontológico, bem como palestras, exibição de vídeos e apresentações culturais. O evento contou com público de mais de 300 pessoas. A feira teve sua segunda edição em 2014, fazendo o mesmo sucesso da primeira.

Na área da saúde, tem se dedicado à realização de oficinas sobre prevenção de DSTs e Aids, sexualidade e ainda sobre anemia falciforme. Esses processos de formação atualmente acontecem tanto na Bahia como em outros estados.

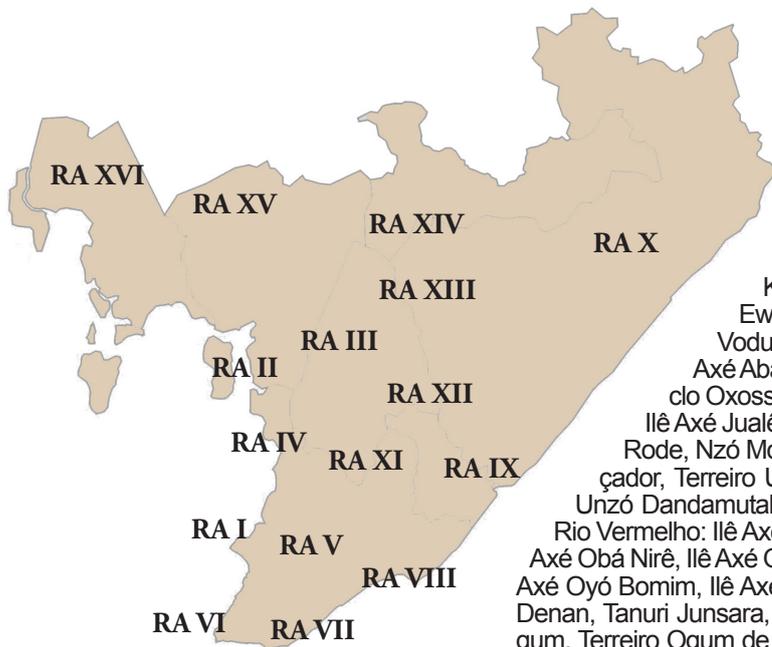
Em 2009, a associação Alafunbi iniciou uma parceria com Mesa Brasil Sesc, na luta contra fome e o desperdício. Com objetivo de contribuir para a promoção da cidadania e a melhoria da qualidade de vida de pessoas em situação de pobreza. Hoje a entidade atende a 10 famílias cadastradas de forma regular.

Em abril desse ano, o Alafunbi e KOINONIA - parceiros desde 2007 - iniciaram as atividades de empoderamento da juventude com o projeto Axé com Arte. Atualmente são 40 jovens participando das oficinas de produção de bijuterias e customização de camisetas na casa.



Apresentação na Feira de Saúde do terreiro

Foto: Acervo Alafunbi



COMUNIDADES TRADICIONAIS ATENDIDAS POR KOINONIA

Terreiros em Salvador: RA I Centro: Ilê Erinlé Axé Odé Ifeolá; RA Itapagipe: Ilê Axé Airá Omim, Ilê Axé Odé Lomin Infan, Ilê Axé Ogum Ladê Iyá Omim, Ilê Axé Omin Leuá, Ilê Iyá Os-shum, Terreiro de Oxum do Caminho de Areia; Unzo Maya-la. RA III São Caetano: Ilê Axé Idanjeuê, Ilê Axé Obá Inan, Ilê Axé Opô Ibu Alama, Terreiro Ogun Tundê; Unzô Sasaganzuá Kangunga KK. RA IV Liberdade: Ilê Axé Omin Amboke, Ilê Axé Ewá Omin Nirê, Ilê Axé Iroko Sun, Terreiro Ajagunan, Terreiro do Vodunzô, Terreiro Kanzo Mucambo, Terreiro de Oxalá. RA V Brotas: Axé Abassá de Amaze, Centro do Caboclo Boiadeiro, Centro do Caboclo Oxossi Talami, Centro Matamba de Onato, Ilê Axé Ewê, Ilê Axé Jifulú, Ilê Axé Jualê, Ilê Axé Oluwayê Dey'I, Ilê Axé Oyá Tunjá, Ilê Axé Omin Afonjá Rode, Nzô Mdemboa – Kenã, Ilê Axé Omin Ode Azoani, Terreiro Oxossi Caçador, Terreiro Unzô Awziidi Junçara, Tuumba Junçara, Tuumbalagi Junçara, Unzô Dandamutalê, Unzo Katendê Dandalunda, Caboclo Pena Branca. RA VII Rio Vermelho: Ilê Axé Achê Ibá Ogum, Ilê Axé Alarabedê, Ilê Axé Iyá Nassô Oká, Ilê Axé Obá Nirê, Ilê Axé Obá Tadê Patiti Obá, Ilê Axé Omin Deuá, Ilê Axé Onirê Ojuirê, Ilê Axé Oyó Bomim, Ilê Axé Obá Tony, Ilê Obá do Cobre, Ilê Oxumaré, Ilê Axé Oyá Omin Denan, Tanuri Junsara, Ilê Axé Centro de Angola Mensageiro da Luz, Terreiro do Bogum, Terreiro Ogum de Cariri – Kilombo. RA IX Boca do Rio: Ilê Axé Araka Togum, Ilê Logum Edé Alakaí Koissan, Terreiro Onipó Neto. RA X Itapuã: Axé Abassá de Ogum, Axé Tony Sholayó, Ilê Axé Osun Yinká, Ilê Axé Ominader, Ilê Axé Yeye Jimum, Terreiro Aloíá, Terreiro Caboclo Itapuã, Terreiro Oxossi Mutalamô, Terreiro de Oxum da Lagoa do Abaeté, Viva Deus Neto, Terreiro Viva Deus Bisneto, Ilê Axé Ibá Aqueran, Terreiro Gurebetã Gome Sogboadã, Terreiro Monaleuci Um'Gunzo de Un'zambi. RA XI Cabula: Ilê Axé Opô Afonjá, Ilê Axé Tunadeni, Terreiro Sultão das Matas, Unzô Bakisé Sasaganzuá Gongara Cajango, Unzô Ngunzo Kwa Kayango, Viva Deus Filho, Ylê Yá Yalodeidê. RA XII Tancredo Neves: Ilê Axé Gezubum, Ilê Axé Jagun Bomim, Ilê Axé Lofan Demim, Ilê Axé Obá Fangy, Ilê Axé Olufan Anacidê Omin, Ilê Axé Omin Alaxé, Ilê Axé Omin Togun, Ilê Axé Oyá Omin Olorum, Ilê Axé Pondamim Bominfá, Terreiro de Boiadeiro, Terreiro do Bate-Folha, Terreiro Olufonjá, Terreiro São Roque, Terreiro Sete Flechas, Terreiro Tumbenci, Onzô Laia Mutá. RA XIII Pau da Lima: Funzô Iemim, Ilê Omu Keta Posu Beta, Ilê Axé Toloji. RA XIV Cajazeiras: Ilê Axé Layê Lubo, Ilê Axé Omim J'Obá, Ilê Axé Omin Lonan, Ilê Axé Omin Nita, Ilê Axé Onijá, Terreiro Junçara Kondirê, Unzô de Kaiango, Manso Bandun Kuekue de Inkinansaba Filho, Manso Dandalungua Cocuzenza, Manso Dandoqüenque Dunkinisaba Filho, Moitumba Junçara, Nzo Sassa Ganzuá Mono Guiamaze, Terreiro Vintém de Prata, Ilê Axé Ogum Omimkayê, Unzô Daminikanga Munde D'Unzambe. RA XVI Valéria: Ilê Axé de Ogunjá, Ilê Axé Omim Funkó, Ilê Axé Olo Omin, Ilê Jêje Dahomé Imburací. RA XVII Subúrbios Ferroviários: Onzô de Angorô, Grupo das Sacerdotisas e Sacerdotes do Axé, Ilê Axé Oyá Deji, Ilê Axé Oba Furikan, Ilê Axé Acorô Genã, Ilê Geleuá, Ilê Axé Loyia, Ilê Axé Ogum Alakaiyê, Ilê Axé Anandeuí, Ilê Axé Flor da Mirtália, Ilê Axé Gitolobi, Ilê Axé Jagun, Ilê Axé Jfokan, Ilê Axé Kalé Bokum, Ilê Axé bá Omo, Ilê Axé Odé Tolá, Ilê Axé Omi Euá, Ilê Axé Omin Loyá, Ilê Axé Unzô Mona de Amean, Ilê Olorum Axé Giocan, Luandan Jucia, Terreiro Caboclo Catimboiá, Terreiro Gidenirê, Terreiro Mucundeuá, Terreiro de Nana, Ilê Axé Arin Massun, Ilê Axé Giroqeme, Ilê Losi Omim Kafunjê, Humpame Dan Ilê Yia Os-shun, Ilê Asé Kale Bôkum. RA XVIII Ilhas: Ilê Axé Airá, Ilê Axé Oyá Bagan Baba Alae-forun. Região Metropolitana de Salvador: Ilê Ala Axé, Ilê Axé Burukam Ajunsun, Ilê Asé Maa Asé Ni Odé, Ilê Axé Gum Tacum Wseré, Ilê Axé Jesidea, Ilê Axé Oba Nã, Ilê Axé Ofá Omin, Ilê Axé Omim Lessy, Ilê Axé Ondô Nirê, Ilê Axé Opô Olú-Odé Alayedaá, Ilê Axé Oyá, Ilê Axé Odé Obá Lodê, Ilê Axé Odé G'mim, Ilê Axé Taoyá Loni, Ilê Axé Dan Seji Olá, Ilê Axé Bokum, Ilê Axé Igbonan, Sindirátukuã Filha, Terreiro Angurusena Bya Nzambi, Terreiro de Jauá, Terreiro Filhos de Ogunjá, Terreiro Kawizidi Junçara, Terreiro São Bento, Tuumbaengongonsara, Unzô Tateto Lemba, Ilê Axé Alafumbí, Ilê Axé Awon Funfun./ Ilê Axé Ojunilê Chapanã, Ilê Axé Ogum Mejê, Ilê Axé Julosum Oju Omim, Ilê Axé Ode Oman, Centro Umbandista Paz e Justiça, Terreiro Vence Tudo, Terreiro Nzo Tata Nsuumbu, Ilê Axé Ejiegg Faleji, Unzô Kunã Lembe N'kossi, Terreiro de Guiaiba, Ilê Axé Ogum Dey, Ilê Axé Oba Inallê Axé Ofá Omin, Ilê Axé Omim Anibé Nirê, Terreiro Águas de Efan Itabuna: Ilê Axé Obé Fará Ogum Lonan, Centro de Candomblé Santa Bárbara, Ilê Axé Ijobá Oxumarê- -Yewá, Ilê Ewá Oludumare, Ilê Axé Oyá de olorun, Ilê Axé Omim Lande, Vintém de Prata. **Em outros municípios:** Em Araci: Ilê Axé Jitolumbi. Em Cachoeira: Ilê Axé Kayó Alaketu. Em São Francisco do Conde: Ilê Axé Osom Made. Em Muritiba: Ilê Axé Obá Nijó Omim. Em Rio de Contas: Terreiro Afoxé dos Ori-xás. Em Ilhéus: Terreiro de Ilhéus e Terreiro Matamba Tombeçy. Em Mata de São João: Terreiro de Praia do Forte. Em São Sebastião: Terreiro de São Sebastião. Em Ituberá: Sintalas Singué.

Editoria:

Ana Gualberto e Rafael Soares de Oliveira

Redação:

Equipe KOINONIA

Revisão:

Thiago Ansel e Natasha Arsenio

Projeto gráfico e diagramação:

Thiago Ansel

Impressão:

JM Gráfica e Editora



Travessa d'Ajuda, Ed. Martins Catarino, Sala 705, Centro - Salvador, BA
Tel.: (71) 3266-3480

Rua Santo Amaro, 129 - Glória - Rio de Janeiro, RJ
www.koinonia.org.br
ISSN: 1981-7568

Apoio



Brot
für die welt



AJUDA DA IGREJA NORUEGUESA
actalancia

Patrocínio



COMUNIDADES QUILOMBOLAS E NEGRAS RURAIS ATENDIDAS POR KOINONIA

Na Região do Baixo Sul da Bahia: Em Camamu: Getimana, Pimenteira, Barroso, Assentamento Zumbi dos Palmares, Pedra Rasa, Mutirão, Assentamento Dandara dos Palmares, Pedra Branca, Maribondo, Tapuia, Garcia, Maria Ribeira, Lameiro, Ronco e Abóboras, Porto do Campo e Rua do Dendê/Colônia de pescadores. Em Nilo Peçanha: Jatimane. Em Ituberá: STTR Ituberá. Em Igrapiuna: Laranjeira e Boa Esperança.